

SAÚDE DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA: ACOLHIMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DE POTÊNCIAS DE AÇÃO*

Isabella Dalsico Silva ¹
Maria Dionísia do Amaral Dias ²

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

O trabalho é dimensão fundamental da vida na sociedade capitalista e, portanto, do processo saúde/doença. Esta relação é afetada por processos sociais, especialmente pelo processo exclusão/inclusão. Em nossa sociedade capitalista o trabalho contém uma dialética fundamental. Ele é tido no discurso social, ideológico, como um fator de inclusão das pessoas na sociedade, tendo um caráter de formação; mas o trabalho constitui-se como elemento de “inclusão perversa” no capitalismo - uma integração adaptativa que gera sofrimento. Como portador da ideologia e valores sociais dominantes, o trabalho serve como instrumento de domesticação do corpo/mente, uma face sombria da inclusão que poderia ser considerada como exclusão da possibilidade de crescimento, de reflexão, de criação, de autonomia, de emancipação, enfim de saúde.

Considera-se a saúde como um indicador da qualidade inclusiva, nesse momento histórico de crise do trabalho, contexto que tem resultado em alarmantes processos de adoecimento de pessoas pelo trabalho ou falta do mesmo, com a prevalência de agravos osteomusculares e psíquicos (ANTUNES e PRAUN, 2015). Nesse contexto, incluem-se os professores da Educação Básica, trabalho essencial para a formação de cidadãos, mas que apresenta diversos fatores de desgaste e sofrimento, que podem afetar a saúde destes profissionais e, conseqüentemente, a qualidade do ensino.

A saúde de professores é abordada em diversos estudos brasileiros e internacionais, os quais apontam a amplitude e variedade de fatores de risco à saúde no trabalho desses profissionais. No Brasil os agravos ocupacionais mais prevalentes entre os professores são os distúrbios osteomusculares e os transtornos mentais, os quais estão relacionados a aspectos da organização e gestão do trabalho (ARAÚJO, PINHO e MASSON, 2019; PEDROSO e BOTTEGA, 2019; SANTANA e NEVES, 2017; ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009).

¹ Graduanda do Curso de Medicina da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, isabella.dalsico@unesp.br;

² Professora orientadora: Psicóloga, Doutora em Psicologia Social, Faculdade de Medicina de Botucatu – FMB-UNESP, dionisia.dias@unesp.br;

*Projeto de extensão com bolsa concedida pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária da UNESP – PROEX.

Apesar da preocupação de secretarias de educação com o absenteísmo de professores, estudo de Assunção e Abreu (2019) mostra que os participantes referem dificuldade para faltar ao trabalho, mesmo quando adoecidos, por sentirem-se pressionados pela escola e que 70% do grupo considerou sua saúde como ruim e muito ruim. São mencionados fatores como a intensificação do trabalho advinda de transformações da atividade sem o necessário suporte social para acomodar as exigências do trabalho, aumento do volume de tarefas nas escolas, com reflexos na atuação dos professores em sala de aula (ASSUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009), bem como a desvalorização profissional do professor, em diversas dimensões, com impacto na saúde mental (PEDROSO e BOTTEGA, 2019). Outros estudos apontam para a ausência ou limitação das abordagens ao problema do adoecimento de professores, as quais mantêm ênfase no indivíduo e na doença ao invés de focar mudanças nos processos e gestão do trabalho, envolvendo políticas públicas que visem atingir as causas do problema (ARAÚJO, PINHO e MASSON, 2019; ASSUNÇÃO e ABREU, 2019; SANTANA e NEVES, 2017).

Assim, as ações promotoras de saúde, que auxiliem os trabalhadores no enfrentamento das situações e condições de trabalho constituem-se em necessidade premente, diante do cenário de inegável comprometimento da saúde dos professores. Nesse sentido, tomamos a saúde entendida como potência de ação e força de vida, incorporando as dimensões ética e afetiva. Tal concepção ancora-se nas reflexões da filosofia de Espinosa (1983) sobre a afetividade e da psicologia sócio histórica em sua compreensão da constituição social do sujeito. A saúde é indicador da qualidade de inserção social que o trabalho possibilita, o que significa que o processo saúde/doença é expressão concreta no corpo humano do processo de exclusão/inclusão vivenciado pelos indivíduos. A saúde como potência de ação pode ser compreendida como a capacidade de pensar, sentir e agir, com consciência de si e do mundo, uma possibilidade de reflexão sobre a vida com o desenvolvimento das ações necessárias no mundo, incluindo a si mesmo (DIAS, 2014). Quanto mais as experiências cotidianas puderem estimular a potência de ação das pessoas, maiores serão as condições para as transformações necessárias.

DESCRIÇÃO

Este projeto de extensão tinha por objetivo promover saúde e bem-estar aos professores de uma escola da rede pública do ensino básico da cidade de Botucatu, São Paulo, a partir da realização de grupos de apoio psicossocial, com atividades que visam a prevenção do sofrimento e adoecimento relacionados ao trabalho docente, por meio do desenvolvimento de potências de ação. Entretanto, considerando a implementação de distanciamento social

devido à Pandemia de Covid-19, as atividades foram adaptadas para um modelo online, com o objetivo de conhecer e entender os desafios da atuação docente na pandemia, na rede pública e privada da educação básica.

Para tanto, um formulário eletrônico, contendo questões sobre a vivência docente antes e durante a pandemia, apontando as necessidades, dificuldades e facilidades de cada contexto de trabalho, foi enviado para professores do ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e ensino médio, por meio de divulgação para diretorias regionais de ensino de Botucatu e de Taquaritinga (estado de São Paulo) e em redes sociais, utilizando-se do método “bola de neve” para maior distribuição.

Com base nos dados levantados neste primeiro contato, a equipe do projeto elaborou um guia, denominado “Guia para o Autocuidado no Contexto da Pandemia”, contendo uma lista com cursos, plataformas de apoio psicológico e de práticas integrativas e complementares, e páginas em redes sociais com publicações informativas e confiáveis sobre a Pandemia de covid-19 e o distanciamento social. Todas as atividades divulgadas eram online e gratuitas, algumas exclusivas para professores.

O guia foi enviado a todos os participantes que informaram seu e-mail no questionário, bem como às diretorias de ensino que participaram da divulgação.

LIÇÕES APRENDIDAS

O questionário ficou disponível por cerca de um mês, entre agosto e setembro de 2020, e obteve o total de 93 respostas, com a participação de professores dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo.

O perfil dos respondentes é o seguinte: maioria dos professores trabalha somente na rede pública (77,4%), em apenas uma escola (58,1%) e afirma gostar de ser professor (97,8%). Entretanto, também é de percepção da maioria o fato de que o trabalho pode causar prejuízos à saúde (80,6%) - independentemente do contexto de pandemia - e citam como principais fatores de sofrimento os desgastes físicos (72%), as turmas de alunos numerosas (71%), a desvalorização salarial (67,7%), a longa jornada de trabalho (64,5%), a infraestrutura precária das dependências escolares (57%), entre outros.

Quando questionados sobre o efeito da pandemia sobre as dificuldades acima citadas, 78,5% afirmam que a situação intensificou e ampliou o sofrimento com novos fatores, como: sobrecarga de trabalho; uso de aparelhos e perfis de redes sociais pessoais para trabalhar; menor contato com os alunos; extensão das atividades de responsabilidade dos docentes, perda dos limites do horário de trabalho, que se estende para os fins de semana; aumento da

cobrança por parte da administração da escola e dos responsáveis pelos alunos; medo, solidão, saudade e tristeza devido ao distanciamento social.

Embora diversos problemas relacionados ao trabalho estejam presentes na vida da maioria dos professores e sejam causas frequentes de afastamentos do trabalho, a minoria já fez ou faz alguma abordagem psicossocial para enfrentar seus problemas.

Nos espaços de expressão livre, diversos professores expressaram suas angústias e descontentamentos com as condições de desenvolvimento do seu trabalho durante a pandemia, bem como a sensação de desamparo e abandono, como se o sofrimento por eles vivenciado fosse invisível e os pedidos de socorro, inaudíveis. Diversos sinais de fadiga, medo, desamparo, desesperança, solidão e sofrimento, assim como a necessidade de ações de promoção de saúde foram manifestos.

Ao final, o questionário perguntava aos participantes sobre ações que, segundo a vivência e expectativas dos mesmos, caso proporcionadas, pudessem auxiliá-los a enfrentar e/ou diminuir todo o sofrimento associado ao contexto em que trabalhavam. As respostas foram diversas e incluíram: cursos, apoio psicológico, atividades físicas e de lazer, momentos de descontração, maior interação entre os colegas de trabalho, maior contato com os alunos, maior reconhecimento e menos cobrança por parte da administração da escola e dos responsáveis pelos alunos. A maioria afirmou que participaria de grupos de apoio, caso este fosse ofertado.

A realização do projeto possibilitou maior entendimento da atuação e perspectivas dos professores como profissionais da linha de frente no enfrentamento da Pandemia de covid-19, e a conclusão de que há uma necessidade iminente de disponibilização de mais ações de promoção de saúde, que os auxiliem no enfrentamento das adversidades do trabalho e, assim, previna o adoecimento e suas consequências.

RECOMENDAÇÃO

A elaboração do questionário e do guia foi alternativa escolhida tendo em vista a dificuldade de realizar grupos de apoio virtuais com os professores naquele momento, pelo contato reduzido com os mesmos. O alcance e o impacto das atividades realizadas superaram positivamente as expectativas da equipe.

O questionário, embora possa parecer algo distante e impessoal - em um primeiro momento -, foi elaborado de modo que os participantes pudessem expressar-se livremente, trazendo suas experiências, angústias e esperanças. A maioria expressou gratidão ao projeto por estar dando atenção e importância a eles e seu papel na pandemia.

Nesse contexto, e considerando a manifestação afirmativa da maioria dos professores quanto à participação em grupos de apoio, bem como o maior entendimento da atividade docente durante a pandemia, a equipe do projeto está desenvolvendo-o, em moldes originais, no ano de 2021. Deste modo, pretende-se responder às necessidades apresentadas, ao continuar e ampliar o suporte psicossocial oferecido aos professores.

Palavras-chave: saúde do trabalhador, saúde mental e trabalho, potência de ação.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores participantes, que possibilitaram a realização do projeto, com êxito, na modalidade virtual.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; PRAUN, L.. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, p. 407-427, 2015.

ARAÚJO, T. M.; PINHO, P. S.; MASSON, M. L. V.. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, 2019.

ASSUNÇÃO, A. Á.; ABREU, M. N. S.. Pressão laboral, saúde e condições de trabalho dos professores da Educação Básica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, 2019.

ASSUNÇÃO, A. Á.; OLIVEIRA, D. A.. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação & Sociedade**, v. 30, p. 349-372, 2009.

DIAS, M. D. A.. Jovens trabalhadoras e o sofrimento ético-político. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 93-102, 2014.

ESPINOSA, B.. Vida e Obra: os Pensadores; Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência; seleção de textos de e consultoria de Marilena de Souza Chauí...[et al.]. **São Paulo: Abril Cultural, 2ªed**, 1983.

PEDROSO, R.; BOTTEGA, C. G.. Saúde mental dos professores da rede de Ensino Público e gestão: uma relação possível (?). **Revista Ciências do Trabalho**, n. 13, 2019.

SANTANA, F. A. L.; NEVES, I. R.. Saúde do trabalhador em educação: a gestão da saúde de professores de escolas públicas brasileiras 1. **Saúde e Sociedade**, v. 26, p. 786-797, 2017.